

Imigrantes e desenvolvimento econômico nos espaços de origem. A imigração e o retorno de brasileiros da Itália

Migrants and economic development in areas of origin. Immigration and the return of Brazilians from Italy

João Carlos Tedesco¹
jctedesco@upf.br

Resumo

O estudo analisa aspectos da imigração brasileira na Itália, processos de retorno, de reemigração e de desenvolvimento. A questão central do artigo gira em torno das remessas financeiras e seus investimentos nos locais de origem dos fluxos; constatou-se que elas não são promotoras de processos sustentáveis de desenvolvimento econômico, e, sim, produzem bem-estar social e econômico para as famílias que as recebem, produzindo, inclusive, profundas diferenciações entre as que estão envolvidas e as que não estão acabando por ser promotoras de novos fluxos de saída. Pesquisou-se em alguns municípios do Sul do Brasil onde há maior fluxo de saída de emigrantes brasileiros para a Itália e Áustria, bem como em algumas províncias da Itália onde há maior presença de imigrantes brasileiros. Viu-se que não há processos de mediação, de assessorias, de crédito, de conhecimento mais elaborado nos locais de origem para utilizar esse recurso financeiro na promoção do desenvolvimento local/regional. Com isso, a intenção dos países receptores de imigrantes em tentar viabilizar, via remessas, a redução da emigração, acaba produzindo um efeito contrário.

Palavras-chave: imigração, remessas financeiras, desenvolvimento.

Abstract

The study analyzes the possibilities of Brazilian immigration, the processes of return, re-emigration and development. The central question of the article is the financial remittances and their investments in the places of origin of the flows. It was verified that they are not promoters of sustainable processes of economic development, instead, they produce social and economic well-being for the families that receive them, producing deep differentiation between those who are involved and those who are not, as well as end up being promoters of new outflows. It was researched in some municipalities of the South of Brazil where there is a greater flow of exit of Brazilian emigrants to Italy and Austria, as well as in some provinces of Italy where there is a large presence of Brazilian immigrants. It has been understood that there are no mediation, advisory, credit, knowledge in the places of origin to use this financial resource to promote local/regional development. So, the intention of the countries receiving immigrants to try to make viable the reduction of emigration through remittances ends up producing an opposite effect.

Keywords: immigration, financial remittances, development.

¹ Universidade de Passo Fundo. Campus I, BR 285 - Km 292, Bairro São José, 99052-900, Passo Fundo, RS, Brasil.

Introdução

O ato de migrar é parte integrante do imaginário social da humanidade em toda a sua história civilizatória (Martine, 2005), pois, quando viabilizado pela autonomia e liberdade dos sujeitos, liga-se com desejos e possibilidades de melhorar as condições de vida; revela ser uma estratégia que representa e simboliza esperança de alterar situações precárias e limitantes vividas até então. O imigrante, ao decidir deslocar-se de seu local de origem, carrega consigo essa intenção. Períodos históricos tendem a desenvolver mais ou menos essa realidade, bem como produzir conflitos e/ou adaptações sociais.

Nas últimas décadas, com os fenômenos da globalização (informação, tecnologia, viagens, imagens, etc.), esse processo vem demonstrando sempre mais intensidade e polêmicas. Estima-se que em torno de 4% da população mundial sejam migrantes internacionais, ou seja, em torno de 244 milhões. A média dos migrantes internacionais nos países considerados de "alto desenvolvimento" – os dos "norte do mundo" – é de 10,9% do total da população deles, os do Sul do mundo são de 1,6% (ONU, 2016). A maioria dos imigrantes são provenientes de países "em vias de desenvolvimento" (172 milhões, 70% do total dos 244 milhões), 96,5 milhões são provenientes da Ásia. Nos últimos anos, tem crescido a quantidade de imigrantes provenientes desse continente, bem como da África (ONU, 2016, p. 234). Nesse sentido, a noção de desenvolvimento correlaciona-se com a de migração.

Nas últimas décadas, as migrações internacionais assumiram importância e complexidade crescentes principalmente no que diz respeito às características, temporalidades dos fluxos, destinos concentrados em alguns países (dentre os quais, Europa Ocidental e América do Norte), formas espaciais dos deslocamentos, políticas públicas de controle e gerenciamento, estratégias de imigrantes, questões culturais e religiosas, novas diásporas e grandes levas de refugiados políticos, de guerra, de catástrofes ambientais, etc. (Paviani, 2000; Ambrosini, 2017).

Nesse cenário de macro questões, situa-se a do *desenvolvimento*, esse entendido em âmbitos variados e amplos, porém, muito mais centrado na esfera econômica, ou seja, naquela que poderia reduzir o fluxo de saída de migrantes em busca de melhores condições de vida, principalmente em direção a países de maior possibilidade econômica e de oferta de trabalho com remuneração maior. Questiona-se hoje se os migrantes são atores da promoção do desenvolvimento em seus locais de origem ou país, ou se isso não se evidencia. Discute-se a importância das remessas financeiras, sua otimização como fator de desenvolvimento e não apenas

de bem-estar (ampliação de consumo, melhorias nas casas, móveis, aquisição de carros, etc.) para algumas famílias que as recebem (Martes e Soares, 2009); ou, então, como elas podem ser indutoras de novas migrações, de dependência financeira nos locais de origem, bem como de diferenciações sociais entre famílias, regiões e sujeitos, dentre outros aspectos. Na realidade, essa é uma demanda de nações enriquecidas, absorvedoras de imigrantes, as quais idealizam a possibilidade de otimizar, na esfera do desenvolvimento, as grandes somas de recursos financeiros (remessas) que saem de seus países e se direcionam para os países/lugares de origem dos fluxos. É uma questão polêmica, eivada de certa xenofobia e movida por sentimento de compensação histórica em relação aos processos colonialistas desenvolvidos, para alguns, inclusive, no passado recente.

Desenvolvimento no local de origem implica também a dinâmica do retorno. Os retornados constituem um grupo heterogêneo de atores. Seu impacto no desenvolvimento local também varia muito, assim como as suas motivações. Condições econômicas, institucionais, políticas, religiosas dos dois espaços, bem como a possibilidade de mobilizar recursos tangíveis e intangíveis, tendem também a influenciar a experiência migratória e, sobretudo, dos retornos/retornados.

Na tentativa de dar uma singela contribuição ao tema, desenvolvemos uma pesquisa junto a imigrantes brasileiros na Itália e em alguns espaços de origem, em particular, junto a imigrantes retornados nos municípios de Pato Branco, Guarapuava e Dois Vizinhos (PR), Água Doce, Luzerna, Criciúma, Treze Tílias e Joaçaba (SC) e em Nova Prata (RS), por serem locais de grande fluxo de saídas e onde tivemos melhores contatos e possibilidades de acesso em razão da existência de imigrantes que havíamos conhecido na Itália em anos anteriores² (Figura 1).

Estivemos nesses municípios em vários dias entre os meses de julho a dezembro de 2017. Já havíamos estado em alguns deles nos anos de 2005, 2011 e 2015, em geral no mês de julho e/ou no final do ano por ocasião de nossas férias letivas. Nossa última visita em alguns municípios foi no período da Páscoa de 2018 (entre os dias 28-31/03/2018). Nessas visitas, fomos percebendo processos que se alteram e outros que se preservam, períodos de forte presença de imigrantes na Itália (em 2005) bem como de retornados. Entre 2015 e 2017 percebemos um grande fluxo de retornados, principalmente da Itália, bem como de tentativas de reemigrações para outros países como Canadá, Estados Unidos, Áustria e Austrália. Estivemos na Itália, em particular, na Universidade de Verona, nos meses de janeiro e fevereiro de 2018, num estágio de professor visitante.³ Nesse período, tivemos oportunidade de entrevistar imigrantes brasileiros na região do Vêneto (Verona e Vicenza com mais

² Tivemos a oportunidade de estudar sobre a imigração brasileira na Itália in loco em vários momentos nos últimos 12 anos por ocasião de dois estágios de pós-doc (2005 e 2011) nas Universidade de Verona e Milão respectivamente; tivemos três oportunidades de estágio de professor visitante na Universidade de Verona por meio do edital Cooperint – Cooperação Internacional – a última foi entre os meses de janeiro e fevereiro de 2018. Portanto, construímos um lastro amplo de relações e interconhecimento com imigrantes brasileiros no referido país. Alguns dos estudos estão em Tedesco (2005, 2009, 2012).

³ A pesquisa foi financiada pela Università di Verona, Dipartimento Culture e Civiltà, Fondi Cooperint – Cooperazione allo Sviluppo – anno 2017/2018, a qual agradecemos muito pela concessão de bolsa, que nos permitiu fazer pesquisa de campo, atualizar bibliografias, bem como intercambiar questões com outros pesquisadores na Itália sobre o tema da imigração.

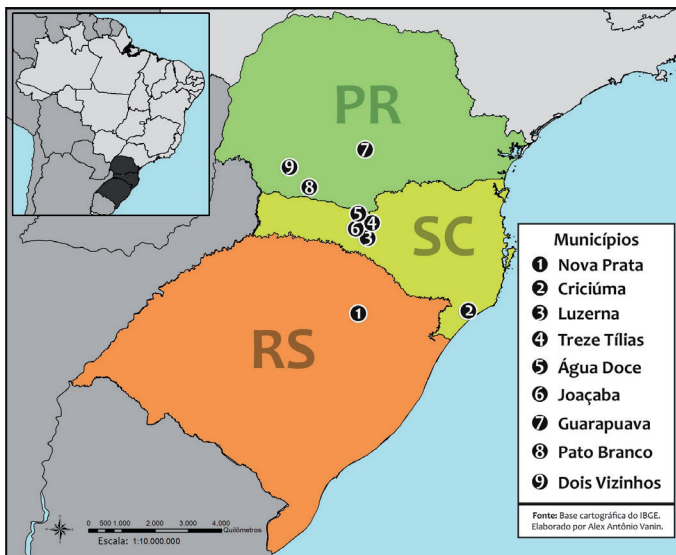


Figura 1. Municípios selecionados para nossa pesquisa de campo no sul do Brasil.

Figure 1. Municipalities selected for our field research in southern Brazil.

Fonte: Base Cartográfica do IBGE; elaborado por Alex A. Vanin, março de 2018.

intensidade) e na Lombardia (alguns municípios do entorno do Lago de Garda pertencente à Província de Bréscia) (Figura 2).

A pesquisa de campo foi realizada junto a 31 imigrantes (26 homens e cinco mulheres) no interior de suas famílias nos municípios de origem (já indicados). Na Itália, contatamos com 36 imigrantes, porém, 28 foram nossos interlocutores de pesquisa (21 homens e sete mulheres) nas províncias de Verona e Viena com mais intensidade. Algumas entrevistas aprofundadas foram feitas com cinco retornados nos locais de origem e, com sete imigrantes em algumas províncias da Itália. Não tivemos preocupação com representatividade numérica, nem definimos critérios de seleção como idade, local de proveniência, escolaridade, sexo, tempo de permanência no país, etc.; buscamos, sim, fazer algo na dimensão de uma pesquisa qualitativa, com questionário semiestruturado, privilegiando diálogos, interlocução, encontros coletivos, contatos e presença em alguns momentos nas casas de imigrantes, jogando futebol com eles, em caminhadas pelas cidades em finais de semana, nos bares assistindo jogos de futebol italiano e da *Champions League*, em jantares nas casas de alguns deles, etc.

Buscamos direcionar nossos instrumentos de pesquisa, principalmente o questionário e entrevista direta, ou, então, por meio de ligações telefônicas, e-mail e Skype, com eixos temáticos, dentre os quais os motivos que levaram à emigrar para a Itália, condições

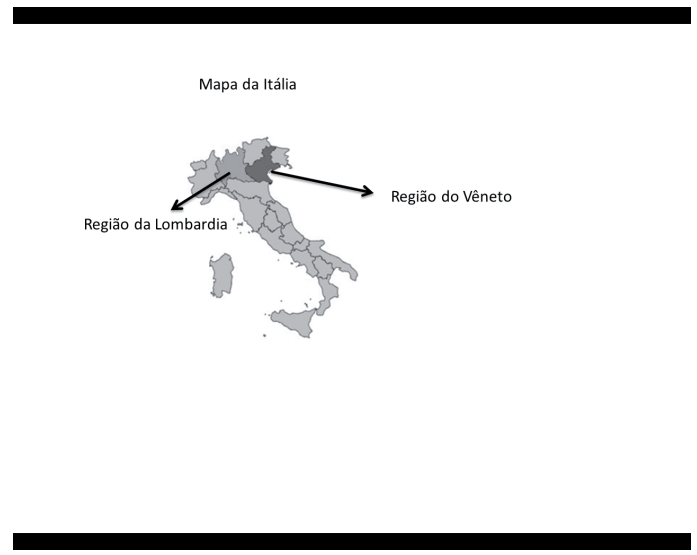


Figura 2. As regiões do Vêneto e da Lombardia no mapa do país; espaços de nossa pesquisa de campo na Itália.

Figure 2. The regions of Veneto and Lombardy on the map of the country; spaces of our field research in Italy.

Fonte: Google (2017). Adaptado por Alex Vanin.

econômicas da família no Brasil, existência ou não de mediadores/redes, inserções nos espaços de trabalho, integração e/ou assimilação, contatos e vínculos com o espaço de origem e, sobre o tema central desse texto, que é o envio de dinheiro, negócios, investimentos e perspectivas econômicas no espaço de origem.⁴

Constituímos nosso texto, sinteticamente, esboçando alguns aspectos da imigração brasileira na Itália com a intenção apenas de atualização de informações, demonstrando processos históricos que se renovam e produzem fluxos migratórios. Posteriormente, centramos nossa análise na questão das remessas e suas múltiplas dimensões e correlações com o mundo do trabalho de imigrantes brasileiros. Nesse sentido, dimensionamos a narrativa, ainda que de uma forma sintética, sobre a correlação entre remessas e desenvolvimento, suas implicações e estrangulamentos, questionando se realmente é possível vincular esses dois horizontes ou se, em vez disso, o bem-estar individual e familiar é que acaba resultando.

Brasileiros na Itália: uma breve caracterização

Os dados estatísticos da população imigrante na Itália indicam a presença de mais ou menos 50 mil brasileiros em

⁴ O projeto maior de pesquisa objetiva analisar três grandes focos: o papel das organizações e associações na viabilização da imigração tutelada de brasileiros na Itália (em particular, os *gemellaggios*), a questão do retorno e suas dinâmicas de reemigração e, por fim, a correlação entre imigração e desenvolvimento nos locais de origem.

2016/7 (Centro Studi e Ricerche Idos, 2017)⁵; os dados do Itamaraty informam em torno de 80 mil. Esse desencontro se deve ao fato de que os brasileiros que possuem a dupla cidadania não configuram na Itália como estrangeiros. No início do século XXI, os brasileiros no país figuravam entre os primeiros contingentes migratórios, com mais de 150 mil. Esse processo decrescente, em pouco mais de uma década, deve-se à crise econômica na Europa, em particular, da Itália, pós 2008, o crescimento econômico do Brasil entre 2004 e 2011, bem como as opções pela reemigração para outros países, dentre os quais, os Estados Unidos, Austrália, Canadá e Inglaterra.

A imigração brasileira na Itália, de uma forma mais contundente e intensa, não tem mais do que três décadas. É fruto da crise econômica do Brasil nas décadas de 1980 e 1990, porém, também e em correspondência, com fatores de ordem simbólica e de incorporação identitária. Estão nesse contexto que viabilizou essa migração os intensos processos de dupla-cidadania a descendentes (*Ius Sanguinis*) concedida pelo governo italiano, bem como os múltiplos e variados acordos e associações entre regiões da velha emigração para o Brasil e os seus espaços de recepção.⁶

Nesse sentido, constituiu-se um amplo campo simbólico (italianidade, oriundos, duplos cidadãos, "pátria-mãe" e associacionismos), de representações sociais e idealizações do *bel paese* através do associacionismo étnico, festejos gastronômicos, cursos de língua italiana, políticas de "retorno aos oriundos" ("*cittadinanza di ritorno*") (Trento, 1989), pelos governos italianos, bem como legislações que dificultaram a entrada de imigrantes em alguns países como é o caso dos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra no final da década de 1990 e início do século XX (Zanini, 2006; Colognese, 2004). Esses contextos de intensa disseminação da italianidade ("*italiani nel mondo*" ou "*italiani all'estero*") produziu fluxo migratórios para a Itália de muitos países da América Latina, em particular, Brasil e Argentina (Trento, 1989). Porém, é bom enfatizar que nem todos/as os/as migrantes possuem esses vínculos histórico-culturais com a Itália.

As regiões de maior concentração de brasileiros são as mesmas da emigração em geral da Itália para o Brasil entre a segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX. Em 2016, a região da Lombardia registrava em torno de 12 mil imigrantes, a do Vêneto com aproximadamente 7 mil, a do Piemonte com quase 6 mil e a do Lazio com em torno de 5 mil (Centro Studi e Ricerche Idos, 2017). Portanto, há vínculos culturais,

dialetais, religiosos e étnicos entre regiões do Brasil com essas da Itália (Franzina, 2011).

A imigração brasileira é vista na Itália como tendo uma capacidade muito grande de se adaptar a um mercado de trabalho, em geral, no terciário e no setor primário (agricultura e produção vitivinícola), principalmente nas duas regiões de pesquisa. Muitas brasileiras trabalham em casa de famílias; encontramos várias em pequenas cidades do interior das referidas províncias. Mais de 70% do contingente de imigrantes brasileiros no país é constituído por mulheres; é uma das especificidades da imigração brasileira. Isso se deve ao grande espaço de trabalho no interior das famílias na Itália, alguma facilidade com a língua para muitas delas, absorção da cultura ocidental; "eles preferem as brasileiras", diz uma entrevistada. Elementos históricos e de pertencimento étnico são importantes, auxiliam em alguns aspectos da inserção laboral de imigrantes brasileiros (em casas de família, em vínculos empresariais com autóctones, etc.), porém, não são suficientes e também não tornam a vida deles mais fácil ou tão diferenciada em relação aos demais imigrantes do país.

Deixei meus filhos no Brasil e cuido dos filhos dos outros aqui. [...], pagamos para cuidar de minha avó que está adoentada e com quase 70 anos e eu cuido também de idosos aqui. De manhã numa casa e de tarde em outra. Trabalho mais com idosos, isso te estressa muito. [...], a gente projeta neles o desejo que se tem dos nossos que tão distantes, acaba ficando uma família, porém sem lazer. Escuto música para me distrair. [...]. Tudo muda, o tempo é outro, temos de correr sempre mais, tudo vira trabalho aqui viu, ainda mais agora com essa crise, ninguém fala outra coisa e a gente fica com mais medo ainda. Não temos mais tempo para nós, só para o outro, para o trabalho (Entrevista, imigrante brasileira, de Veranópolis, RS; há cinco anos na região do Vêneto. Trabalha em casas de família).

A imigração brasileira, ainda que mais presente em algumas regiões, é bastante difusa no interior da Itália; é pouco visível e identificável; atua em várias atividades. Muitos imigrantes, após alguns anos no país hospedeiro, montam pequenas empresas, em geral, prestadoras de serviços. Vimos muito disso em pequenos municípios da região do Vêneto, em particular, na agricultura e na construção civil. Enfatizamos isso, pois pode possuir alguma relação com processos de desenvolvimento no local de origem. Entendemos que se torna difícil correlacionar desenvolvimento com imigração sem olhar para os dois espaços, as duas idealizações que imigrantes produzem entre um espaço e outro.

⁵ Os dados do referido centro contemplam até junho de 2017.

⁶ Houve um amplo associacionismo, pós-1990, alimentado pela dimensão da italianidade regional (associações vênetas, trentinas, friulanas, piemontesas, lombardas, etc.). Em meados da década de 1990, havia 140 associações entre os estados de Santa Catarina e Paraná, porém, no estado do Rio Grande do Sul esse processo se deu de uma forma mais intensa. Segundo Colognese (2004, p. 62), havia no Brasil, no final da referida década, cerca de 1.400 associações étnicas de italianos, com grande centralidade em São Paulo e Rio Grande do Sul. Programas na Itália, como o *Vêneto Community*, na década de 1990, objetivava valorizar e fortalecer a chamada cultura *vêneta*. Vinculado a ele estava o *Progetto Rientro*, o qual também visava manter e facilitar o retorno e a inserção no território do Vêneto aos descendentes de italianos emigrados, nascidos na região. Revistas como *Vicentini nel Mondo*, *Veneti nel Mondo*, *Trevisani nel Mondo*, dentre outras, de cunho regional, foram disseminadas pelo Sul do Brasil. Sobre essa questão dos associativismos, ver Tedesco (2012).

Capital social e simbólico

Na esteira da questão que liga imigração, empreendedorismo e desenvolvimento não dá para perder de vista o capital social de imigrantes. Esse se alimenta do capital simbólico adquirido na Europa em associação com italianos, com conterrâneos e/ou de outras nacionalidades e que é otimizado no local de origem. Na realidade, são estratégias que imigrantes adotam para viabilizar negócios, simbolizar a Europa em suas atividades, como é o caso dos que abrem negócios ligados à pizzaria no Brasil com propaganda da "experiência na Itália", da "Itália para o Brasil" (pesquisa de campo nas cidades de Água Doce e Joaçaba em Santa Catarina). Nesse sentido, imigrantes brasileiros retornados da Itália, aprendem, incorporam saberes, concepções de mundo, processos inovadores, comparam realidades (entre os dois espaços), principalmente em torno de formas de trabalho e uso e disponibilidade de tecnologia, ressocializam-se e absorvem a simbologia de alguém que "estava na Europa", que "morou na Europa", como alguns mencionavam por ocasião da pesquisa de campo em algumas cidades do Sul do Brasil. Isso tudo está no horizonte dos capitais sociais e simbólicos que, de uma forma ou de outra, auxiliam em processos de transformação social, de desenvolvimento nos locais de origem ou em outros que imigrantes retornados se (re)inserem. Uma imigrante retornada em Água Doce (SC), a qual trabalhava numa empresa de limpeza em Verona e, que no local de origem, montou um ateliê de costura e uma pequena lavanderia, disse-nos que "o que saiu [migrou] tem a obrigação de retornar melhor, com dinheiro, porque senão vivem te perguntando 'o que é que tu fez com o dinheiro?' Eles pensam que na Europa a gente nada no dinheiro. [...]. Quem vem sem nada é porque gastou tudo, e daí não é mais confiável aqui, tem até dificuldade de arrumar emprego".

A constituição de capital social que permite produzir canais e redes étnicas, inclusive transnacionais, favorece muito a determinados migrantes, como é o caso dos *produtos étnicos*, do investimento das remessas financeiras enviadas, de empresas que vendem pacotes turísticos para o Brasil, do ramo gastronômico e *cultural* em geral – música, artesanato, feijão e arroz, erva-mate, chás, carvão para o churrasco, etc. Esses processos revelam certo transnacionalismo empreendedor (Ambrosini,

2008), que se alimenta pelo intercâmbio de produtos e bens de consumo do país a que pertencem, um *nacionalismo* que se produz na distância e, só nessa, é maximizado nos contatos com as comunidades de origem, na proximidade com os conterrâneos, na viabilização de documentação e estratégias para obter na forma mais rápida possível a dupla-cidadania.⁷ Um dono de restaurantes em Padova diz que abriu um pequeno restaurante de comida *delivery* (tele entrega) para "canteiros de obras que têm muitos brasileiros". Segundo ele, "o arroz e feijão, a carne de porco e sucos de polpa de frutas do Brasil não podem faltar". Nesse caso, um empreendedor brasileiro produziu um ramo da alimentação servindo-se da presença de brasileiros em outro, o da construção civil. São sinergias produzidas e/ou descobertas por imigrantes e que vão se constituindo a partir da realidade de processos vividos por eles no espaço hospedeiro.

O "transnacionalismo simbólico" (Ambrosini, 2008) que imigrantes brasileiros desenvolvem expressa-se em manifestações artísticas e culturais (samba, música brasileira, apresentação de capoeira, gastronomia – em especial o feijão, o arroz e o churrasco [esse último muito presente em grupos de brasileiros com italianos que trabalham no meio rural]).⁸ "São mundos diferentes que se encontram", diz um professor de capoeira que nos informa que, no fundo, "italianos não estão muito interessado na dimensão cultural e histórica da capoeira e, sim, como expressão corporal, como exercício grupal de atividade física, como ritmo musical com alguma afinidade ao Brasil". Essa dimensão transnacional é constituída pelas relações sociais que imigrantes constroem nos dois espaços; ela auxilia no processo de desenvolvimento no país de origem, podendo, inclusive, como diz Sayad (1999), transformar a dupla ausência em dupla presença, ou seja, otimizar a primeira com inventividades laborais, as quais demonstram que também migrantes carregam capitais sociais e saberes, que são capacitados como atividades empreendedoras no local de destino.

Por isso entendemos que os processos de desenvolvimento não acontecem apenas como vetor único, dinamizam-se múltiplas formas e relações sociais e produtivas em ambos os espaços. E isso não se dá só na esfera do empreendedorismo (aqui entendido como capacidade de empreender na constituição de uma empresa), mas no trabalho dependente em geral; é

⁷ Nesse momento que estamos escrevendo (fevereiro e março de 2018), várias notícias estamparam jornais de circulação nacional, como o *Corriere Della Sera* e o *La Stampa*, sobre a questão dos mediadores que viabilizam a dupla-cidadania na Itália. Cidades pequenas de províncias do Vêneto, como é o caso de uma na Província de Belluno, chamaram a atenção das autoridades policiais e jurídicas, pois, numa delas, de uma população total de três mil habitantes, quase dois mil eram brasileiros. Essa realidade se repete em várias outras províncias. Agências e escritórios que fazem a mediação da dupla cidadania, em combinação e articulação com agências italianas e funcionários de prefeituras, colocam imigrantes brasileiros nesses pequenos municípios onde a vigilância é menos ostensiva, a corrupção de funcionários públicos e de proprietários de residências que alugam não encontra tantas resistências etc., para comprovar residência (a qual pode se processar em até três meses). Desse modo, há redes transnacionais que viabilizam isso.

⁸ Estivemos presente em alguns anos atrás, em outros momentos de pesquisa, de participar de festas de brasileiros "que trabalham para o Flávio" (brasileiro que contratava dezenas de imigrantes para realizar atividades no setor vitivinícola no meio rural). Essas festas eram realizadas em pavilhões de italianos, utilizados para armazenar máquinas agrícolas. Nelas, o churrasco, o feijão e o arroz eram centrais no cardápio. Em geral, essas festas eram para comemorar o final da colheita da uva. Italianos e brasileiros misturavam-se, duravam dois dias (sábado e domingo), com muita bebida, música e baile no sábado à noite. Era um momento de confraternização, lazer e intercâmbio.

só pensar nas atividades domésticas no interior das famílias, no trabalho de enfermeiras que se formam no Brasil e atuam nos cuidados de idosos no interior das famílias e/ou em casas de repouso, nos trabalhadores do meio rural no Brasil e que atuam na agricultura na Itália, operando máquinas, em trabalhos em aviários (produção de frangos), na uva e em leiteiras.

Nesse sentido, vimos também que o capital social é fundamental para a efetivação de negócios e de inúmeras atividades laborais. A amizade com italianos e a facilidade de inserção em meio aos conterrâneos favorecem para que o empreendimento empresarial se constitua e adquira certa firmeza de continuidade e eficácia. Numa forma bem pragmática, um empreendedor da construção de parreirais e também da montagem de aviários, disse-nos que

[...] se tu não se enfiar com italianos tu não arruma nada; eu quando resolvi investir nisso, pensei: 'brasileiro agora é só para trabalhar comigo', os serviços são os italianos que dão, é deles que vem o nosso sustento. Os brasileiros que querem progredir aqui têm de sair da toca, tem de se encorajar e ver com eles [italianos] onde dá para tu te botar" (Entrevista, imigrante brasileiro em Verona, oriundo de Cascavel, PR, o qual montou empresa para o plantio de parreiras. Utiliza as máquinas de um sócio italiano e vincula dezenas de brasileiros na atividade).

Vimos em Milão uma empresa de viagens ao Brasil, na qual são sócios brasileiros e italianos, a qual se localiza no prédio ao lado do Consulado Brasileiro, no centro da cidade. Tivemos oportunidade de conversar com uma funcionária brasileira dessa agência que ficava todo o período de abertura do Consulado na porta de entrada do prédio entregando panfletos de promoções de viagens, envio de dinheiro, compra de cartões de celular para ligações ao Brasil, etc. Isso revela capacidade de percepção sinérgica dos negócios (documentação, retorno, turismo, viagens, etc.) que imigrantes conseguem empreender.

Estivemos por vários momentos muito próximos de um brasileiro⁹ que "pegava serviços de italianos" em atividades ligadas à produção de vinho (cultivo da uva, colheita, trabalho no interior da cantina, poda da parreira, limpeza do solo, etc.). Em alguns períodos, segundo ele, havia "mais de 50 brasileiros colhendo uva, todos arranjados e sob minha responsabilidade". Ele, ao retornar ao Brasil, depois de nove anos na Itália e dois na Áustria, fez investimentos na produção de parreiras em um município de Santa Catarina, bem como montou uma empresa de prestação de serviços (montagem de parreirais, colheita da uva) aos vitivinicultores na região colonial do Rio Grande do Sul, inclusive, diz ele, tentou implantar a técnica de conservação da uva, após colhida, por em torno de três meses, em pavilhões climatizados, para fazer um vinho "parecido com o muito famoso e de alta qualidade na Itália, o Amarone". Segundo ele, essa iniciativa não deu certo, pois o custo alto inviabilizava o comércio do vinho no Brasil (Figura 3).



Figura 3. Empreendimento de brasileiros no meio rural da Itália.
Figure 3. Brazilian entrepreneurship in rural Italy.

Foto: Flávio Boscheto.

Sabe-se que empreender (aqui entendido como montar alguma pequena empresa, contratar funcionários, ou trabalhar, "por conta", como alguns dizem) é uma oportunidade de alterar o quadro de sua performance migratória na sociedade mais ampla, porém, ressaltamos a longa caminhada nesse sentido, pois há inúmeras barreiras. Não obstante, empreender é também motivo de orgulho e torna-se um capital simbólico no interior do grupo, da família, junto aos que ficaram no local de origem, dentre uma série de outros elementos que, em última instância, revelam a produção de relações sociais, certo protagonismo dos imigrantes e possibilidade de dar um salto qualitativo no interior do país hospedeiro e também no investimento nos locais de origem.

O fruto do trabalho produz as remessas financeiras. Essas são de fundamental importância, dão dinamismo a um amplo conjunto simbólico e pragmático na vida do imigrante. Veremos isso a seguir com a intenção de problematizar questões ligadas ao desenvolvimento nos locais de origem dos imigrantes (Figura 4).

As lógicas das remessas financeiras

Segundo o Banco Mundial, as remessas, em 2015, ultrapassaram 600 bilhões de dólares; desse montante, 441 bilhões foram para países em desenvolvimento. Segundo a mesma fonte, esse valor corresponde mais do que o dobro dos auxílios oficiais externos à promoção do desenvolvimento nesses países (*in Villamar, 2017*); em 2016, foram em torno de 450 bilhões de dólares em remessas, desse montante, mais de 200 bilhões foram para áreas rurais de países empobrecidos (Centro Studi e Ricer-

⁹ Numa das oportunidades que fomos para a Itália para pesquisa de campo alugamos um quarto num apartamento que era gerenciado por ele.



Figura 4. Casa de lanches, restaurante e churrascaria de imigrantes brasileiros em Verona.

Figure 4. Immigrant snack bar, restaurant and steak house in Verona.

Fonte: foto de pesquisa de campo.

che Idos, 2017, p. 26). Em 2017, segundo Banco Mundial, havia previsão ao redor de 600 bilhões de dólares. Para a América Latina, em 2016/2017, foram enviados em torno de 70 bilhões de dólares (Centro Studi e Ricerche Idos, 2017, p. 28).

Os emigrantes brasileiros teriam enviado próximo de seis bilhões de dólares, em 2004 (Martes e Soares, 2009) e 7,4 bilhões de dólares em 2006 (OIM, 2013; Acnur, 2015). Em 2007, as remessas enviadas ao Brasil caíram alguns pontos percentuais (7,08 bilhões de dólares). Acredita-se que a redução seja fruto da melhora da economia brasileira, do aumento do valor do real em relação ao dólar, da desaceleração da economia americana e do combate à imigração de indocumentados, processos esses que fizeram com que muitos imigrantes retornassem principalmente dos Estados Unidos.¹⁰ Esse processo teve reflexos intensos em 2016, quando os dados informam que brasileiros enviaram, oficialmente, em torno de três bilhões de dólares ao país. Da Itália, brasileiros enviaram, oficialmente, em 2011, 182.849 milhões de euros; em 2016, esse valor baixou para 106.132 milhões de euros (Centro Studi e Ricerche Idos, 2017, p. 32). Os canais institucionais de envio, em geral, são as agências internacionais como a Western Union, Money Gram e Money Express.

Em certos países da América Central, as remessas já superaram o valor das exportações; no México, elas são quase tão valiosas no PIB (16%) quanto a importante indústria do turismo. No Brasil, as remessas de 2007 superaram o valor das exportações de soja, que é um dos principais produtos do agronegócio e contribuíram com quase 2% do PIB do país. Na América Latina, em 2012, as remessas de brasileiros só ficaram atrás do volume enviado por mexicanos (OIM, 2013). Só para ter uma ideia da

importância e a dependência dessas remessas, o município de Governador Valadares (MG), em 2006, elas representavam 60% da arrecadação municipal, ou seja, 276 milhões de reais (Siqueira, 2006).

É importante enfatizar que imigrantes não enviam só dinheiro, mas vários significados e valores sociais (práticas culturais, vínculos, obrigações afetivas, capital social, os quais estão nos horizontes das chamadas "remessas sociais" (Ambrosini e Berti, 2009), as quais são também muito valorativas. Não há dúvida de que as remessas financeiras representam um forte ingresso de recursos, de incremento de capital; são uma espécie de micro-finanças, as quais podem, como já falamos, diminuir a pobreza, a desigualdade social, inclusive gerar empregos e, dependendo do contexto, amortizar crises econômicas. Porém, como veremos mais adiante, nem tudo é tão lógico e certo a prioristicamente nesse processo.

As remessas atestam a densidade emotiva e simbólica das relações familiares ou não que se mantem através do envio e demanda por dinheiro. As mulheres e os homens que permanecem ficam cada vez mais dependentes do dinheiro enviado (Ambrosini, 2008). No fundo, as remessas representam estruturas de relações micro (vida dos indivíduos, famílias, status, bem-estar, obrigações, compensações de auxílios, etc.); remetem a vínculos transnacionais de solidariedade, obrigações, dádivas produzidas no interior das relações sociais com os que ficaram – desejo de casa nova para os pais, comprar carro e deixar para algum cônjuge. Isso produz uma necessária comunicação à distância, manifestam vínculos sociais de longa duração, mesmo em espaços longínquos, também de solidariedade, reciprocidade, deveres,

¹⁰ Informações do jornal Financial Times, divulgadas pelo NIEM/RJ com a colaboração de Miriam de Oliveira Santos, Rogério Haesbaert.

unidade dos migrantes com a família (Assis e Campos, 2009; Ambrosini, 2010); contribuem para manter, alimentar múltiplas redes de relações que transcendem os confins dos estados.

No caso dos brasileiros entrevistados (os 31 que responderam questionário), há afirmação de que todos eles enviam dinheiro para o Brasil. O percentual enviado, em média, é de 60% dos ganhos auferidos na Itália. Porém, todos enfatizam que a crise econômica reduziu mais de 50% do ganho e, portanto, do montante enviado. Eles todos enviam recursos financeiros ao Brasil para investimentos e para familiares. Poucos identificaram espaços de investimentos de seus recursos na Itália, a não ser alguma conta bancária e uma reserva na polpação "para precisão", como um entrevistado nos disse. Raros são os que deixam o dinheiro sem capitalização no país hospedeiro. Muitos guardam o dinheiro (euro) em espécie no Brasil, esperando cotações melhores e oportunidades de investimentos.

Enfatizamos que os percentuais apresentados na Figura 5 são expressão de preponderância, não unicamente reflexo do setor informado, pois há uma mescla nas respostas, ou seja, quem comprou casa, pode também ter canalizado recursos para a formação escolar e acadêmica de filhos, irmãos, adquirido vários aparelhos de informática, em particular, computadores. Nesse sentido, é difícil uma determinação única da aplicação das remessas, elas se diluem em múltiplos âmbitos no decorrer do tempo. Nossa pergunta foi "onde e em que setores, nos últimos anos, investiu ou empregou seus ganhos financeiros"? Portanto, a temporalidade é a mais recente, fato esse que não nos permite fazer conclusões e/ou definições mais precisas.

O auxílio familiar continua sendo representativo entre os entrevistados. Esse varia entre a ajuda à própria família (esposa

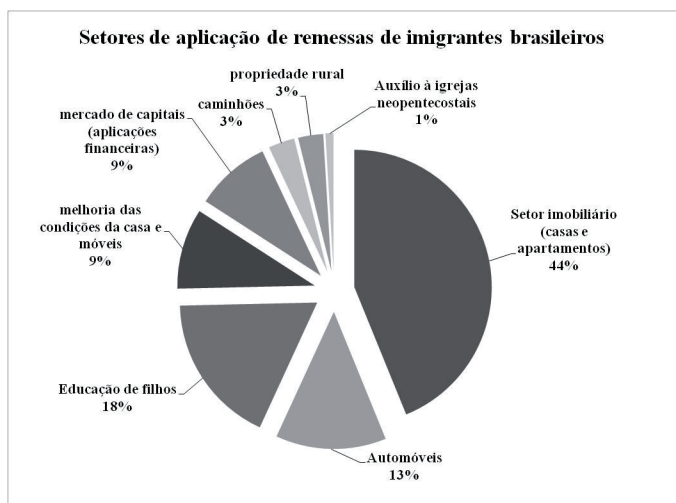


Figura 5. Aplicações das remessas enviadas pelos imigrantes brasileiros.

Figure 5. Applications of financial remittances sent by Brazilian immigrants.

Fonte: pesquisa de campo.

e filhos, e ou só filhos), outros à família-mãe. Como vimos, o setor imobiliário se apresenta um interessante investimento, pois, no julgamento dos investidores, além da valorização do imóvel, o valor do aluguel, quando se torna possível, é repassado para quem fica (esposa, filhos, pais, ou pagamento por serviços prestados à alguém da família), ou seja, permite remunerar quem fica, "sem muito trabalho, pois deixo numa imobiliária e eles me prestam conta e deu", diz um imigrante entrevistado numa pequena cidade da província de Vicenza.

Imigrantes relacionam-se em locais múltiplos, tanto no espaço de destino, quanto de o de origem. Vista por essa ótica, a imigração revela indivíduos em ligações constantes, em redes informais e afetivas, que revelam obrigações e intenções profundas e significativas. Há uma lógica de afetos entre os que partem, os que ficam, os que exercem a mediação na circulação entre os dois, ligações parentais, proximidade identitária, etc. O território afetivo muda, ou seja, há uma movimento complexo entre lugares e pessoas. Trabalhar intensamente para ter recursos e enviar a familiares e/ou para empreender em algum momento, correlacionam-se com a moral familiar e com o dever de família. Nessa condição, o imigrante se transforma num sujeito econômico transnacional que circula, por meio do dinheiro, de seus vínculos, da ponderação de seus gastos, investimentos, consumos, poupança entre um lugar e outro.

A dimensão transmigrante que, pelo menos em parte ou em alguns âmbitos, caracteriza tendencialmente o fenômeno migratório internacional, revela participação dos meios de comunicação, os quais favorecem para que imigrantes possam participar da vida social dos dois países (origem e destino). Esse processo existe entre brasileiros e, também, pode revelar certa fragilidade de "dupla" integração ao fazer parte de duas sociedades diferentes; uma espécie de "vida dual" (Caselli, 2009). Esse transnacionalismo faz com que os confins políticos existentes entre as duas sociedades nacionais não constituem limites para a própria vida social e ao campo social de atividades. O transnacionalismo como perspectiva de análise não considera os imigrantes de um ponto A ao ponto B, mas, sim, simultaneidade de ações nas duas sociedades diferentes. O extraordinário desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte (revolução "mobilética") (Scidà, 1996) aumentou o número e a intensidade dos contatos, dos fluxos materiais e imateriais entre os imigrantes com seu país; as redes e os contatos entre conterrâneos foram ampliados.

Esse processo auxilia na vida distante, permite sobreviver a situações adversas, muitas vezes, sem consciência, acabam congelando tempos do espaço de origem não se dando conta que a ausência física também produz dinâmicas sociais que se alteram (Dias, 2000). O investimento financeiro, "ganhar lá e aplicar aqui" [local de origem], como um retornado nos disse, pode transformar os imigrantes num grande recurso econômico para o país e, em particular, para seu espaço de origem, produzir, além de processos econômicos, um amplo espectro relacional que pode problematizar "os euro e dólares jogados aqui no município", como o interlocutor acima constituiu em sua narrativa. Veremos algo nesse sentido a seguir.

Desenvolvimento local ou bem-estar pessoal e familiar?

A questão do desenvolvimento é complexa, não é algo fácil de realizar e muito menos de definir empiricamente. Há muitos elementos envolvidos; exige muita pesquisa, metodologias adequadas, definição clara e objetiva de variáveis que o contemplem, intensa inserção *in loco* e por um tempo longo de apreensão, situações essas que não tivemos condições de desenvolver por múltiplas razões (conhecimento teórico, domínio conceitual e tempo para pesquisa de campo). Portanto, salientamos os limites, as dificuldades e o alcance de nossa singela análise. O que queremos, na realidade, é apenas levantar alguns elementos genéricos que podem ser expressivos dessa realidade que vincula remessas, conhecimentos adquiridos, capitais simbólicos, empreendedorismo de imigrantes, os quais se materializam de uma forma ou de outra em espaços de origem e ocasionam algumas mudanças, relações transnacionais, encantos e desencantos, progressismos e dependências, idealizações, mobilidade social e diferenciações. Esses processos todos intencionam, em outros espaços (de destino emigratório), promover permanências e, paradoxalmente, podem produzir novas emigrações (Martes e Soares, 2009).

É comum na literatura que revisamos a ideia de que imigrantes podem ser indutores do "desenvolvimento dos países do Sul para reduzir a emigração" (colocação essa muito comum nas discussões políticas sobre imigração na Itália e na Europa em geral) e que isso significa investimentos indiretos e uma forma de valorizar a sociedade de partida (Ambrosini, 2017). Com isso, sociedades enriquecidas estariam limitando as saídas de países fornecedores dos fluxos, livrando-se do "problema migratório", promovendo auxílios indiretos, compensando realidades históricas de colonialismo e todas as suas mazelas deixadas para as sociedades colonizadas. Os imigrantes seriam esses mediadores entre os dois mundos. Porém, sabemos que essa é uma realidade complexa e que não é tão simples reduzir o histórico e continuamente dinamizado fosso econômico entre norte e sul do mundo e que a mobilidade das pessoas se constitui também para além das questões econômicas (Bauman, 2017; Wihtol de Wenden, 2013, 2016).

Se refletirmos um pouco sobre desenvolvimento, veremos que o conceito contempla a ideia de economia sustentável; envolve uma nova geopolítica, pois nenhum país pode crescer sem que haja equidade de crescimento nas suas regiões, intercâmbios e redes que atuam na intenção de promover a geração de renda, de conhecimentos, de tecnologias, de saberes tradicionais e inovadores, de descobertas que grupos sociais imprimem (Becker, 1998); envolve também noções de regional e de territórios, vocações regionais, biomas, etc. O desenvolvimento local precisa capitalizar, valorizar, compreender as potencialidades, as riquezas de um território que foram histórica e processualmente produzidas pelos coletivos que o compõem, com sinergias entre sujeitos locais e democratização na gestão do processo de desenvolvimento local.

Modelos de desenvolvimento compreendem valores éticos e culturais socialmente aceitos, e, esses, se processam distintamente em diferentes ambientes, contextos, países, regiões. Modelos e tecnologias geradas em um país e/ou região, não necessariamente podem e devem ser generalizadas em todos os locais; isso foi feito na agricultura e em várias outras atividades que acabaram criando conflitos e problemas sociais e econômicos muito maiores do que as soluções advindas. Por isso, salienta-se que desenvolvimento difere do crescimento econômico puro e simplesmente, ou, então, de mera expressão material, o qual compreende estratégias e políticas de ação amplas e interdependentes (progresso e crescimento têm muito a ver com a economia; desenvolvimento a incorpora, mas agrega fatores sociais, ambientais, éticos, de serviços, de qualidade de vida, gênero, dentre outros aspectos) (Dallabrida, 2005; Becker, 1998). Por isso que se deve pressupor condições locais/regionais nesse processo, culturas de grupos que possuem identidade regional, que possam se intensificar e potencializar âmbitos regionais. Na realidade, os sujeitos locais e regionais precisam estar presentes, não apenas absorver o que vem de fora (Becker, 1998; Dallabrida, 2005).

Com essa concepção, Villamar (2017), insiste que, para haver correlação entre migração (remessas) e desenvolvimento, seria necessário que o benefício econômico atingisse, tanto zonas de atração, quanto as de origem, que houvesse transformações econômicas, técnicas e de conhecimento. Não há dúvida de que a possibilidade de imigrantes investirem economicamente nos locais de origem a partir de conhecimentos adquiridos e/ou adaptados em locais de destino revela indícios de um horizonte de desenvolvimento.

Imigrantes mantêm fortes vínculos com a própria família, com a comunidade de pertencimento e com o país de proveniência. Eles dão origem a fluxos financeiros, bens, ideias, serviços, os quais podem favorecer o desenvolvimento; auxiliam nas necessidades primárias das famílias, substituem, em grande parte, o papel do estado no campo da saúde, previdência e educação; também incorporam conhecimentos, habilidades técnicas, muitas delas, fruto de suas atividades laborais, qualificação acadêmica em razão de cursos que são feitos no país de destino; adquirem domínios linguísticos e que podem ser otimizados no espaço de origem para viabilizar empreendimentos nesse sentido como vimos em vários municípios que visitamos.

Já vimos que as remessas são parte integrante no processo de desenvolvimento ou na correlação entre migração e desenvolvimento; elas representam uma contribuição chave na melhoria do bem-estar da população que permanece (Siqueira, 2006; Soares, 2009; Martes e Soares, 2006). Porém, é um fenômeno eivado de implicações sociais. Muitas famílias que as recebem desenvolvem o incentivo às partidas e permanências externas dos imigrantes. Elas podem justificar as saídas, alterar o status social de quem recebe, serem produtoras de gratidão e de humilhação, produzirem formas de dívidas morais; refletem o nível de relações e vínculos com o lugar de origem (Harris e Todaro, 1990).

Segundo Fall (2016), imigrantes tem propensão a poupar com a intenção de investir, melhorar o orçamento da família, enfrentar o desemprego de membros dela. Muitos deles são do meio rural e, nesse espaço há reduzido rendimento financeiro do agricultor familiar, por isso, os recursos financeiros ajudam a melhorar a qualidade de vida, a sobrevivência das famílias, a incorporar inovações técnicas, diversificar produtos excedentes, inclusive possibilitar a permanência de filhos na unidade produtora. Porém, pelas narrativas que obtivemos com imigrantes ou com familiares deles, bem como em imobiliárias de cidades (Água Doce, Dois Vizinhos, Joaçaba e Pato Branco), muitos dos que adquirem terras não plantam, ou, então, arrendam para familiares ou conhecidos. Para muitos migrantes, a terra passa a ser um ativo para liquidez futura, como reserva de valor, não para trabalho e produção própria.

Migrantes fazem cálculos para determinar onde investir, levam em consideração experiências negativas de conhecidos, principalmente, nos locais de origem, sabem que "ganhar é difícil, mas gastar é fácil", como um retornado nos disse, inclusive relatando em sua narrativa vários casos de retornos de filhos prósperos que, em pouco tempo, perderam tudo por investirem mal, gastarem com supérfluos e ostentações. O local de investimentos também passa pelo mesmo crivo, porém, não há dúvida que pensam mais no local de origem. Há uma obsessão por isso. No entanto, vários entrevistados informaram que adquiriram imóveis (apartamentos, terra) em outros municípios, até em outros estados, em cidades de praia, ou onde há conhecidos e/ou familiares residindo. As trajetórias são múltiplas, porém, o espaço de origem é prioridade. Vínculos parentais favorecem essa prática.

Há um vínculo direto entre desenvolvimento e migração de retorno. Há várias teorias sobre os motivos que fazem os migrantes retornarem¹¹. Sabemos que o retorno é parte integrante do ato de partir para muitos dos emigrantes. Situações externas, espaços, convívios, experiências, obrigações e desencantos dão mobilidades e possíveis alterações às decisões anteriores, bem como junto aos espaços nos dois territórios (Ambrosini, 2008).

Para muitos imigrantes, o retorno se torna uma obsessão e organizam relações e situações em razão disso (Góis *et al.*, 2017). Não há dúvida que fatores culturais e sociais precisam ganhar centralidade nas análises das migrações internacionais e, em particular, quando da análise dos retornos. Optar por um retorno a um lugar distante do de origem pode ocorrer. Soubemos de retornados em de Pato Branco e em Dois Vizinhos que foram à Curitiba, de Nova Prata foram à Porto Alegre, dentre outros; porém, não é a regra, ou melhor, não foi o que observamos com grande expressão.

Narrativas de imigrantes na Itália expressam a ideia de "retornar e botar uma empresa", porém, há uma grande dificuldade em encontrar nichos de mercado para atividades nos locais

de origem. "Na agricultura é mais fácil, né, essa não é errada, a terra nunca vai desvalorizar". Esse é um setor em que poucos investem em razão de seu alto preço, "ela se paga, mas precisa meio século e, não tenho ninguém depois que vai seguir na terra". Essa realidade da dificuldade de investimento deixa migrantes em dúvida, inclusive retardando o planejamento do retorno; expressa que é melhor não trocar o duvidoso pelo incerto, "mal ou bem, aqui [na Itália] estamos ganhando", diz um imigrante que está indeciso se fica na Itália ou se retorna (Figura 6).

Há muitas críticas em torno dessa relação migração-remessas-desenvolvimento, principalmente porque estudos demonstram que há muitas práticas de saídas, retornos e novamente a saída (reemigração), inclusive ampliadas em termos de contingente (Berti, 2009); que há mais promoção de bem-estar familiar e/ou individual do que investimentos propriamente ditos ou desejados e que isso revela novas e/ou contínuas dependências do subdesenvolvimento; que famílias com imigrantes estão em condições melhores, produzindo, portanto, fortes disparidade entre elas; há o risco de criar uma "economia efêmera" (Berti, 2009, p. 55), ainda que num curto tempo possam gerar trabalho e rendimentos; substituição de serviços públicos na área da saúde e educação.

Segundo entrevistados, a maioria dos que retornaram, em tempos atrás, e mesmo os mais recentes, tentam colocar "algum negócio aqui [...], tem muitos deles aqui que têm relação com os estrangeiros [ex-migrantes] ou alguém da família, um sócio". Nas informações que obtivemos, muitos "eram empregados na Itália". Tanto os "estrangeiros" mais antigos, quanto os mais recentes

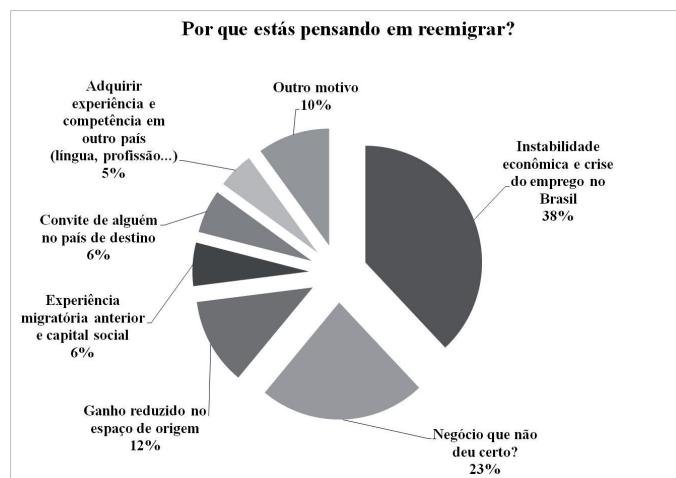


Figura 6. Motivos da reemigração.
 Figure 6. Reasons for re-emigration.
 Fonte: pesquisa de campo.

¹¹ Desenvolvemos isso em outro artigo, o qual está sendo submetido à publicação, que se intitula "Crise econômica e espaços de origem resignificados: rearranjos de imigrantes brasileiros retornados da Itália e da Áustria". Há vários autores que discutem isso, em particular, indicamos Soares (2009), Sayad (2000), Góis *et al.* (2017) e Cassarino (2013).

que retornaram, de um modo ou de outro, investiram em algum imóvel (casa sua ou adquirida para aluguel). Muitos deles já possuíam uma residência; a segunda seria para investir em aluguel. Todos informaram que enviaram sempre dinheiro ao Brasil, 83% disseram que possuíam, ou em algum momento, colocaram dinheiro na poupança.

A falta de experiências de muitos migrantes retornados recentemente, ausência de conhecimento sobre mercado, economia e administração de empresa, a inexistência de assessorias técnicas, somadas à concepção do rendimento imediato, etc., tudo isso pode fazer com que a poupança construída a duras penas na Itália ou em outro país, possa se esvaír em pouco tempo. É bom ter claro que a migração possibilita poupança para iniciar empreendimentos, mas não lhes dá conhecimento para se tornar empresários (Siqueira, 2006). Sem esses pré-requisitos, as remessas materiais e as imateriais que a migração promove, podem produzir poucos resultados em termos de desenvolvimento local. Poderão, sim, promover novas assimetrias, saída de população qualificada ou a dependência de remessas. A narrativa de um pai de imigrante brasileiro é elucidativa nesse sentido:

[...] aqui vem essas grandes construtoras, fazem uns prédios de 15 andares; veja que é nessa cidade, Pato Branco até cresceu, mas tem muito imóvel aí. Eles contam com o dinheiro do imigrante, só que não é bem assim, com a crise lá, o pessoal se retraiu. Eles botam o preço lá em cima, não baixam o preço e o imóvel fica. [...]. Muitos dos estrangeiros [emigrantes] que são daqui compram apartamento na praia de Camboriú, lá em Itapema" (Entrevista; pai de um imigrante que atualmente está na Áustria, mas esteve por muitos anos na Itália, reside em Pato Branco, PR).

Os migrantes, em razão disso, passam de agentes de desenvolvimento à condição de investidores no mercado de capitais e não na atividade produtiva. Como eles preferem imóveis, acabam inflacionando-os e dificultando a aquisição para os não que habitam o local de origem, além de que isso atrai construtoras para construir e ofertar imóveis de uma forma sem medida e sem planejamento, fato esse que acaba por produzir uma oferta ociosa em muitos municípios. No nosso acervo de entrevistados, não temos encontrado nenhum que investe os recursos obtidos pelo trabalho em atividades ou mercado de capitais na Itália, mas é uma realidade que pode se apresentar. Sabe-se que o espaço de origem, ou o país de proveniência, são as prioridades, porém, há possibilidades outras, múltiplos canais que, em razão também de racionalizações familiares, trajetórias se alteram.

Considerações conclusivas

Vimos que pode haver uma correlação entre migração e desenvolvimento nos locais de origem, mediada por remessas materiais e imateriais. Imigrantes brasileiros na Itália podem tornar-se agentes de mudanças econômicas nos seus locais de

origem. No entanto, a realidade que pesquisamos e a literatura que revisamos nos revelam uma série de questões e pré-requisitos para que a referida correlação se processe. No mínimo, precisa-se entender bem o que se considera desenvolvimento e dar especificidade ao local; confunde-se muito desenvolvimento com progresso, com bens materiais (prédios, casas modernas, aquisição de terrenos, etc.).

Vimos na pesquisa de campo que há dificuldade de readaptação/ambientação do migrante retornado em razão de remunerações baixas, expectativas frustrantes em termos das condições de vida e de possibilidades de empreender com os recursos já adquiridos pelo período em que esteve fora. Muitos pensam e lançam mão de relações que os permitem reemigrar. Essa é também condicionada por múltiplos fatores, talvez, muito próximos aos que promoveram a saída anterior. Nesse sentido, nenhuma das ações torna-se definitiva e nem totalmente a priori definida.

Sem uma real noção do que seja desenvolvimento, sem os seus princípios norteadores, sem a mediação de instituições, de cooperação e co-desenvolvimento, sem planejamento e compreensão de vocações econômicas locais/regionais, sem conhecimento e integração no interior das sociedades, etc., não bastam as remessas, pouco adianta a entrada de recursos. Esses não são suficientes para a promoção de algo mais sustentável e produtivo; podem, sim, produzir bem-estar para algumas famílias (consumo, casa, educação, carro, móveis novos, viagens, imóveis e lazer na praia, poupança e outras aplicações financeiras, etc.), dispersar investimentos e recursos, produzir dependências financeiras e promover novos fluxos de saída, gerando, com isso, resultados paradoxais em relação aos seus objetivos a priorísticos.

Constatamos que não há, nos locais de origem de migrantes, um ambiente socioeconômico, institucional e de representações de entidades sociais orientadas no sentido de maximizar os recursos financeiros (remessas) para a promoção do desenvolvimento. Há, sim, empresas de construção civil, agências de viagens, imobiliárias, instituições de ensino, casas comerciais, agências bancárias, dentre outras, que se mobilizam para absorver "o dinheiro que cai aqui dos estrangeiros [imigrantes]" (entrevista com pai de migrante), sem preocupação direta ou imediata com as atividades produtivas, redução de pobreza, fixação de sujeitos no local de origem, investimentos em educação, saneamento nas cidades, produção agrícola, enfim, desenvolver o local. Vimos que há benefícios individuais (de famílias), mas não sua distribuição efetiva no território regional, aliada a uma política pública de incentivo aos empreendimentos, discussão com agentes e instituições; há, sim, sua dispersão.

Com isso não estamos refutando ou ignorando o importante papel das remessas financeiras e toda a sua carga simbólica, cultural, social e familiar. Elas têm efeitos positivos e, dependendo das situações, podem ter expressão multiplicadora no interior das famílias (renda, padrão de vida, infraestrutura, etc.). Porém, não necessariamente estejam em correspondência com as intenções de países que recebem migrantes, que desejam se verem livres deles ("investir na casa deles para que não venham

na nossa", como é comum ouvir discursos de políticos na Itália nesse sentido). Acreditamos que recursos (materiais e imateriais) estejam sendo desperdiçados, dispersados e mal distribuídos. Já falamos que não vimos nenhum envolvimento social, político e institucional, para além de alguns setores empresariais já mencionados, que, de uma forma organizada coletivamente e em co-participação com atores do âmbito regional, estejam promovendo alguma ação em prol do desenvolvimento local, alternativo e sustentável.

Referências

- ALTO COMISIONADO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LOS REFUGIADOS (ACNUR). 2015. *Tendencias Globales. Desplazamiento Forzado en 2015. Forzados a Huir*. Ginebra, ACNUR, 67 p.
- AMBROSINI, M. 2008. *Un'altra globalizzazione. La sfida delle migrazioni transnazionali*. Bologna, Il Mulino, 247 p.
- AMBROSINI, M. 2010. *Richiesti e respinti. L'immigrazione in Italia. Come e perché*. Milano, Il Saggiatore, 261 p.
- AMBROSINI, M. 2017. Il fenomeno delle rimesse. In: FONDAZIONE ISMU, *Ventitreesimo Rapporto sulle migrazioni – 2017*. Milano, Franco Angeli, p. 225-235.
- AMBROSINI, M.; BERTI, F. (eds.). 2009. *Persone e migrazioni*. Milano, Franco Angeli, 256 p.
- ASSIS, G. de O.; CAMPOS, E.C. 2009. De volta para casa: a reconstrução de identidades e emigrantes retornados. *Tempo e Argumento*, 1(2):80-99.
- BAUMAN, Z. 2017. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro, Zahar, 117 p.
- BECKER, D. 1998. Os limites desafiadores do desenvolvimento. *Redes*, 3(2):75-105.
- BERTI, F. 2009. Globalizzazione, migrazioni internazionali e cooperazione allo sviluppo. In: M. AMBROSINI; F. BERTI (eds.), *Persone e migrazioni*. Milano, Franco Angeli, p. 44-64.
- CASELLI, M. 2009. *Vite transnazionale? Peruviani e peruviane a Milano*. Milano, Franco Angeli, 176 p.
- CASSARINO, J.P. 2013. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. *REHMU*, 21(41):21-54. <https://doi.org/10.1590/S1980-85852013000200003>
- CENTRO STUDI E RICERCHE IDOS. 2017. *Dossier Statistico Immigrazione 2017*. Roma, Fondazione Idos, 417 p.
- CESCHI, S.E.; STOCCHIERO, A. 2006. *Capitale sociale e potenziale di investimento nei territori d'origine dei Senegalesi d'Italia*. Torino, L'Harmattan Italia, 226 p.
- COLOGNESE, S.A. 2004. *Associações étnicas de italianos: identidade e globalização*. São Paulo, Itália Nova Editora, 193 p.
- DALLABRIDA, V.R. 2005. *Dinâmica territorial do desenvolvimento*. Santa Cruz do Sul, RS. Tese de Doutorado. Universidade de Santa Cruz do Sul, 309 p.
- DIAS, J.B. 2000. A volta do filho próspero: emigrantes cabo-verdianos retornados e seus familiares. In: C.C. TEIXEIRA (org.), *Em busca da experiência mundana e seus significados: Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 53-76.
- FALL, P.D. 2016. *Des Francenabe aux Modou-Modou. L'émigration sénégalaise contemporaine*. Dakar, L'Harmattan – Sénégal, 557 p.
- FRANZINA, E. 2011. La patria degli italiani all'estero. *Rivista Il Mulino*, n. 4. Bologna, luglio-agosto, p. 607-614.
- GÓIS, P.; MARQUES, J.C.; PINHO, F. 2017. *Retorno de uma geração preparada. Diagnóstico de situação atual e modelo prospetivo de desenvolvimento*. Lisboa, Fundação AEP, 199 p.
- GOOGLE. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2TULri7>. Acesso em: 31/12/2017.
- HARRIS, J.; TODARO, M. 1990. Migration, unemployment and development: a two-sector analysis. *The American Economic Review*, 60(1):126-142.
- MARTES, A.C.B.; SOARES, W. 2009. Remessas de recursos dos imigrantes. *Estudos Avançados*, 20(57):41-54. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200004>
- MARTINE, G. 2005. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no séc. XXI. *Travessias na desordem global*. São Paulo, Paulinas, p. 37-75.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). 2016. *Regolamento del Parlamento Europeo e del Consiglio*. Bruxella, ONU, Documento, 182 p.
- ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES (OIM). 2013. *El bienestar de los migrantes y el desarrollo. Informe sobre las Migraciones en el Mundo*. Ginebra, OIM, 224 p.
- PAVIANI, J. 2000. *Globalização e humanismo latino*. Porto Alegre, EdIPUCRS, 328 p.
- SAYAD, A. 1999. *La Double absence*. Paris, Ed. Du Seuil, 264 p.
- SAYAD, A. 2000. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Revista Travessias*, 13(n. especial):7-32.
- SCIDÀ, G. 1996. Rivoluzione mobiletica como catalizzatore della globalizzazione. *Sociologia Urbana e Rurale*, 18(49):7-26.
- SIQUEIRA, S. 2006. *Migrantes e empreendedores na microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno*. Belo Horizonte, MG. Tese de doutoramento. Universidade Federal de Minas Gerais, 211 p.
- SOARES, W. 2009. Da associação entre os retornados internacionais e os intermediários da rede migratória valadarense. *REMHU*, 17(32):47-59.
- TEDESCO, J.C. 2005. *Imigração e integração cultural: interfaces*. Passo Fundo/Santa Cruz do Sul, UPF Editora/Edunisc, 311 p.
- TEDESCO, J.C. 2009. *Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais*. Porto Alegre, EdIPUCRS, 302 p.
- TEDESCO, J.C. 2012. *Entre Raízes e Rotas: identidades e culturas em movimento*. Itajai/Passo Fundo, Univali/UPF Editora, 399 p.
- TRENTO, A. 1989. *Do outro lado do Atlântico – um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 577 p.
- VILLAMAR, M. del C. 2017. Replanteando El debate sobre migraciones internacionales y desarrollo: nuevas direcciones y evidencias. *REMHU*, 25(51):181-198.
- WIHTOL DE WENDEN, C. 2013. *La question migratoire au XXIe siècle*. Paris, Presses de Sciences Po, 266 p.
- WIHTOL DE WENDEN, C. 2016. Las nuevas migraciones. *Sur*, 13(23):17-28.
- ZANINI, M.C.C. 2006. *Italianidade no Brasil Meridional. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria/RS*. Santa Maria, Ed. UFSM, 280 p.

Submetido: 10/04/2018

Aceito: 24/08/2018